

CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO MUNICÍPIO DE SOROCABA/ SP: CONTRADIÇÕES DA SOCIEDADE CAPITALISTA

WASTE SORTING: COLLECTORS OF RECYCLABLE MATERIALS (UNCOOPERATED) IN THE MUNICIPALITY OF SOROCABA / SP

Fernando Rodrigo de Souza¹

José Aparecido Batista Junior²

RESUMO:

A partir das contradições típicas da sociedade capitalista analisamos o acesso à renda dos catadores de materiais recicláveis informais, ou seja, os que não estão vinculados às cooperativas de Sorocaba/SP para compreender os impactos que tal atividade exerce no cotidiano dos sujeitos da pesquisa, além da influência que gera na cultura do consumo do núcleo familiar. Aqui buscamos enriquecer o estudo com as falas dos entrevistados que nos levam a observar, a partir da escuta sensível, os aspectos econômico e social de sua vida, além de trazer o ineditismo para a pesquisa.

Palavras-chave: Catadores. Reciclagem. Cidade.

ABSTRACT:

From the typical contradictions of capitalist society we analyse access to the income of the collectors of informal recyclable materials, i.e. those who are not linked to the cooperatives in Sorocaba/SP to understand the impacts that such activity exercises in the everyday life of the Subjects of research, in addition to the influence that generates in the culture of the consumption of the family nucleus. Here we seek to enrich the study with the speeches of the respondents who lead us to observe, from the sensible listening, the economic and social aspects of his life, and to bring the ineditism to the research.

Keywords: Collectors. Recycling. City.

¹ Fernando Rodrigo de Souza – Especialista em Lean Manufacturing – Faculdade Anhanguera de Sorocaba. E-mail: fernandorodrigosouza81@gmail.com.

² José Aparecido Batista Junior – Doutorando em Comunicação - Universidade Paulista. E-mail: prof_jjunior@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A inquietação principal aqui abordada se reflete com o processo de formação dos pesquisadores, assim a partir da interdisciplinaridade é possível analisar o contexto e impacto originado pela coleta de resíduos recicláveis entre pessoas não cooperadas na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, sobretudo pelos vieses econômico e social.

As falas dos sujeitos entrevistados servirão, neste momento, para entender os resultados que o trabalho desenvolvido exerce para seu cotidiano sob a perspectiva dos grupos não hegemônicos. Ouvir a voz do subalterno é uma metodologia pertinente e necessária entre os que estudam a cultura e a cidade, permitindo auxiliar na criação de espaços para que sua voz seja ouvida, mesmo que de forma indireta e com a influência dos pesquisadores, relacionando o consumo e o cotidiano, perpassando questões oriundas das disparidades econômicas, sobretudo em função da má distribuição da riqueza socialmente produzida típica da sociedade capitalista. Ao ser orientado pela cultura do consumo, analisar o cotidiano e o território em que o indivíduo vive, indo além do local de moradia nos parece um bom procedimento investigativo. A cidade é formada por vidas individuais, mas o que nos interessa será o seu entrelaçamento com a vida coletiva, com diferenças sociais, de acesso, geográficas, políticas, comunicacionais, entre outros.

Principalmente com a Revolução Industrial cresceu a geração de resíduos e na mesma proporção o consumo também teve sua elevação para garantir os objetivos dos detentores dos meios de produção provocando resíduos em larga escala com descartes inadequados (aterros sanitários ou lixões a céu aberto). Porém, nos interessa verificar que com os resíduos descartados surge uma nova função: o catador de recicláveis; reconfigurado ao início da era da Revolução Industrial com a presença do trocador de garrafas.

A presença de pessoas que vivem do comércio de materiais refugados data do início do processo de industrialização. Já no começo do século XX, há registros de imigrantes espanhóis que trabalhavam como compradores de sucata no bairro do Brás, em São Paulo. As famílias acumulavam sucatas em seus quintais, principalmente garrafas e materiais ferrosos, revendendo-os ou trocando-os junto aos sucateiros. Em muitos lugares, os materiais eram guardados pelas crianças, pois os recursos da venda das garrafas e ferros velhos eram destinados a elas, que logo os transformavam em doces e balas (LAJOLO, 2003, p.45).

Surgem os catadores no Brasil como uma das estratégias em função da exclusão que sofriam no processo de industrialização, pois vinham para os centros urbanos que estavam se formando devido as indústrias, mas não havia a absorção de todos, restando trabalhos informais e que de certa forma sanasse o problema mais grave: a fome.

Contemporaneamente estudar sobre reciclagem ganha maior visibilidade, seja pelo viés econômico, preventivo, social e ou educacional. A reciclagem é o reaproveitamento dos materiais como matéria-prima para um novo produto. A palavra reciclagem difundiu-se na mídia a partir do final da década de 1980, quando se constatou que as fontes de petróleo e de outras matérias-primas não renováveis estavam esgotando rapidamente e que havia falta de

espaço para a dispensação de lixo e de outros dejetos na natureza (SOUZA; FONSECA, 2010) e uma das alternativas para minimizar os impactos causados seria a coleta seletiva.

Ou seja, a coleta seletiva é o reaproveitamento de resíduos que normalmente chamamos de lixo e que faz parte de um sistema de gerenciamento integrado de lixo. Nas cidades, a coleta seletiva é um instrumento concreto de incentivo a redução, a reutilização e a separação do material para a reciclagem, buscando uma mudança de comportamento, principalmente em relação aos desperdícios inerentes à sociedade de consumo (RIBEIRO & LIMA, 2000).

Em paralelo analisar o território em que vivem os catadores de materiais recicláveis é primordial, porque entendemos que é “lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (SANTOS, 2007, p. 13), respeitando a construção histórica do sujeito.

Certeau (1998) tem papel fundamental na análise sobre o cotidiano e a cidade por analisar os resultados das formas como o sujeito se insere no mundo sob diversas perspectivas: linguagem, práticas comunicacionais, consumo/caminhada da cidade, bem como por estudar as interações entre o sujeito e o mundo a partir de sua apropriação em relação aos espaços habitados.

Quando se reside distante dos serviços e da fluidez comercial entre os que não possuem poder de compra, se tem menor poder de visibilidade e de oportunidades laborais, além de comprometer sua movimentação pela cidade, o que interfere negativamente nos resultados dos trabalhos desenvolvidos pelos catadores de resíduos recicláveis, assim o resultado de seu trabalho fica restrito a possibilidade geográfica, levando os sujeitos a permanecerem em locais de fácil trânsito, contribuindo para a segregação da cidade e diminuição dos ganhos.

Os serviços urbanos se irradiam do centro à periferia, tornando-se cada vez mais escassos à medida que a distância do centro aumenta. Além disso, o conjunto da população e das empresas utilizam, em alguma medida, os serviços disponíveis apenas no centro principal, de modo que a distância em que se encontram do referido centro determina seus gastos de transporte (em dinheiro e em tempo) cada vez que se deslocam até ele (SINGER, 1982, p. 29).

Estudar a cidade vai além da sua geografia, as análises se tornam mais contextuais quando trazem para a interface questões oriundas do cotidiano, do pertencimento, da interculturalidade do espaço de forma interdisciplinar. Ressaltamos que a geografia tem influência na dinâmica e consumo de uma cidade, como também os produtos e os serviços de consumo que estão maciçamente instalados em locais mais próximos ao centro urbano e comercial (SINGER, 1982), porém o interesse nesta pesquisa foi compreender as estratégias utilizadas pelos sujeitos da pesquisa que exercem a atividade informal e de forma não cooperada e que residem distantes dos centros comerciais da cidade.

Assim, optamos em realizar a pesquisa no bairro Ana Paula Eleutério (14 km da região central) por ser oriundo de um processo de desfavelamento da prefeitura de Sorocaba com início em 1997 com cerca de 500 (quinhentas) famílias, ou seja, residir no local não foi uma escolha

dos núcleos familiares, mas uma determinação do poder público, porque o foco era retirar as famílias da condição de risco habitacional e distribuí-las em lotes urbanizados, o que implicaria negativamente na relação que tinham com o cotidiano, com a cidade, com os aparelhos públicos e com o trabalho, já que na época grande parte dos moradores eram oriundos de áreas com melhores acessos a região central, o que gerava maiores ganhos para as atividades laborais informais, a qual se encaixa a de catadores de materiais recicláveis.

Após a escolha do local da pesquisa fomos até uma reunião realizada por uma instituição sem fins lucrativos instalada no bairro em 23 de maio de 2017 para divulgar o trabalho e convidar os presentes a participar das entrevistas e desta forma, duas pessoas aceitaram participar, porém como foi sentido inicialmente o receio na participação da pesquisa por, sobretudo, ser dito as opiniões e sentimentos em relação ao bairro e isso poder implicar em sanções nos atendimentos das políticas públicas, já que os resultados da pesquisa são públicos, foi entendido que a melhor solução seria utilizar nomes fictícios para deixá-los tranquilos.

Devido não usarmos os nomes reais dos participantes pedimos para se darem um apelido que tivessem afinidade, mas como deixaram a nosso encargo, optamos em utilizar nomes de flores por motivos não significativos, apenas por aproximação ao tema. No Quadro 1, apresentam-se as principais características das duas pessoas entrevistadas.

NOME DE IDENTIFICAÇÃO	IDADE	TEMPO DE MORADIA NO BAIRRO	GRAU DE ESCOLARIDADE	RENDA PER CAPITA - MÉDIA
Verbena	30	+ 25 anos	Ensino Médio	R\$ 90,00
Rosa	55	19 anos	Ensino Fundamental Incompleto	R\$ 90,00

Quadro 1 – Identificações

Fonte: autores

Com este contexto realizamos a pesquisa, a qual é apresentada em dois itens, o primeiro mais conceitual auxiliará o leitor na aproximação ao tema de forma objetiva e no segundo apresentamos parte dos resultados das entrevistas realizadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Inicia-se o referencial teórico com a coleta seletiva.

2.1 Coleta Seletiva

A Coleta Seletiva pode ser definida respectivamente como o sistema de separação do lixo descartado e a posterior reciclagem. A reciclagem propriamente dita é distinta da coleta, pois o reciclador compra o material coletado (PHILIPPI JR; ROMERO; BRUNA, 2004, p. 205).

A coleta seletiva é um sistema de recolhimento de materiais pós-consumo, que compõe os instrumentos do sistema de gerenciamento integrado de resíduos sólidos domiciliares urbanos. Esse sistema deve ser implementado visando a recuperação de materiais recicláveis e/ou orgânicos para fins de reciclagem e/ou compostagem. O objetivo é coletar de maneira diferenciada os resíduos orgânicos (restos de comida, resíduos de jardinagem, entre outros), dos inorgânicos (papéis, vidros, metais, plásticos e outros resíduos especiais) previamente diferenciados e descartados na fonte geradora. Estes materiais, uma vez misturados, dificultam a segregação (triagem), depreciam a sua qualidade e custo, e agregam valor desnecessário aos processos posteriores de reciclagem (D'ALMEIDA e VILHENA, 2000).

Depois da coleta, os resíduos devem ser encaminhados para uma unidade de triagem, na qual são separados em recicláveis e não recicláveis, ou em materiais secos e materiais orgânicos.

A triagem de materiais é essencial para o processo operacional e comercial, pois de acordo com Mancini (et al., 2005), irá propiciar a subdivisão dos resíduos de acordo com a necessidade dos compradores e, obviamente, com o processo de reciclagem de cada material dada a existência de várias classes, com composições químicas e outras propriedades diferentes. Dessa forma, a reciclagem de todos eles misturados pode não ser possível ou os produtos obtidos acarretam baixo valor agregado.

Os impactos sociais que os catadores e o processo de reciclagem trazem diz respeito ao cotidiano dos envolvidos diretamente como indiretamente, de forma mais ou menos intensa. Traz em seu bojo consequências positivas para a sociedade em geral, como a diminuição do volume do lixo. Assim ações como a coleta seletiva, se tornam satisfatórias a todos na visão social.

Outro fator social a ser identificado é a geração de emprego formal e mesmo o informal, assim faz com que contribua para o desenvolvimento da sua cidadania, uma vez que lhe é garantido ganho econômico para que posteriormente tenha autonomia em utilizar da melhor maneira que achar, ou seja, proporciona o resgate de sua individualidade e poder de decisão, distanciando-os de políticas paternalistas que não fazem esta recuperação da identidade humana, apenas há a “doação”.

2.2 Reciclagem e trabalho: misturados ou concorrentes?

Neste estudo vislumbramos sob duas vertentes: uma ligada a geração de renda, sobretudo entre as pessoas que não são absorvidas pelo mercado de trabalho formal por múltiplos motivos que não cabem nesta pesquisa, ou seja, neste olhar o tema é tratado com a conotação social, visto que buscam com esta atividade se distanciar da falta de emprego e conseqüentemente de renda que estão inseridos, e demais reflexos da questão social; e uma outra que se atrela a

questão econômica, com a diminuição dos gastos fabris e a continuidade da matéria-prima utilizada para a fabricação dos produtos das referidas indústrias – aumento da lucratividade dos detentores dos meios de produção.

A opção de se tornar um catador de produtos recicláveis vem da “não opção” de obter trabalho formal, logo não se pode caracterizar esta ação como uma ação livre e espontânea, as características marcantes destes trabalhadores são caracterizadas por Bosi (2008, p. 102) como “[...] o trabalho dos catadores de recicláveis no Brasil está integrado ao processo de acumulação de capital e que a suposta situação de exclusão dos catadores (desempregados, baixa escolaridade, faixa etária elevada) o qualifica para esse tipo de ocupação”.

Com tal realidade perguntamos às entrevistadas o motivo que levou a iniciarem o exercício da atividade laboral.

Fio era eu e meus filhos, sozinha, meu esposo me deixou, não tenho estudo, a única coisa que me veio foi pegar papelão e latinha. Faxina não dava porque não tinha onde deixar minhas “criança”, na reciclagem levava eles comigo. Como a gente morava perto do centro, dava um bom dinheiro no dia. Dava para trazer dinheiro todo dia pra casa (ROSA).

Não conseguia serviço em lugar nenhum, porque como ia fazer com meu filho? Sobrou a reciclagem. Saía pegar reciclagem na hora que ele estava estudando e as vezes saía com ele junto. Isso [trabalhar] ajudou aqui dentro de casa (VERBENA).

A partir de 1980 a reciclagem dissocia-se do cunho social e ambiental ganhando destaque mundial pelo viés econômico, visto que as diversas matérias-primas começaram a se tornar escassas. Para o enfrentamento da falta de matéria-prima e do descarte correto a reciclagem e quem a faz ganhou destaque, pois auxiliaria na continuidade dos processos de fabricação, concomitante ao seu menor gasto e maior efetividade no descarte dos produtos. Neste aspecto entendemos que a reciclagem é vista pelo caráter econômico, social, político e ambiental.

A cadeia produtiva neste contexto tem início com a separação dos resíduos nas fontes geradoras e termina com a reciclagem e conseqüentemente com o retorno de insumos e novos produtos ao mercado (BESEN, 2006). De acordo com Valle (2006, p. 114) “a reciclagem é a solução mais indicada para materiais de fácil reprocessamento e fácil comercialização que podem retornar ao mercado na forma de matérias-primas recicladas”. Também recorremos ao conceito estabelecido por Moura (2006).

É uma operação de valorização de produtos e materiais que depois de usados não mantêm, em geral, intactas as suas funcionalidades, podendo alguma parte ou a totalidade ser reaproveitada, para entrar de novo na cadeia, como produtos originais ou como inputs para novos produtos (MOURA, 2006, p.195).

A reciclagem pode ser realizada em várias vertentes e escalas: econômica, doméstica, política, social, ecológica e ou empresarial. Suas consequências dependem das intencionalidades de quem a faz. Uma determinada empresa pode reciclar seus resíduos com o intuito de baratear os custos, diminuir as despesas (reaproveitamento), ter o descarte correto dos resíduos (melhorando as questões ambientais) adotando ações socialmente corretas, ou para cumprir as determinações legais impostas pelo Estado através de legislações que estabelecem parâmetros para haver medidas para minimizar os problemas que empresas e sociedade trazem ao meio ambiente.

O diagnóstico da coleta seletiva informal do Plano Municipal de Resíduos Sólidos de Sorocaba (2014) indica que existe no município uma quantidade estimada de 1.250 catadores de materiais recicláveis em todas as regiões da cidade, sendo que na área norte há maior concentração, 61,1%. O estudo aponta uma média de 148 catadores que estão ligados às cooperativas. O número de pessoas que declarou ter como função a catação de materiais recicláveis nas ruas é de aproximadamente 870, isto é, 69% deles são informais.

De acordo com os estudos, quanto ao nível de escolaridade, cerca de 77% não chegaram a iniciar os estudos ou completar o Ensino Fundamental e apenas 8% concluíram o Ensino Médio. A faixa etária varia entre 46 e 65 anos, a maioria de pessoas oficialmente casadas, residentes em áreas urbanas, com uma média de 1 a 6 dependentes, renda individual inferior a um salário mínimo e familiar de dois a três salários mínimos. Detectou-se, também, um número expressivo de famílias, 25%, com arrecadação inferior a um salário mínimo, provenientes principalmente da coleta de materiais recicláveis.

Verificou-se que 86% dos entrevistados nunca se organizaram em cooperativa e as razões são variadas, desde o não conhecimento da existência das mesmas a não concordância com a forma de gestão. Observou-se que 38% dos informais não consideram satisfatória a rotina de trabalho das cooperativas e acreditam que trabalhando sozinhos conseguem melhores resultados financeiros. Dos entrevistados, 51% consideram a remuneração insatisfatória, o valor dos descontos salariais muito alto e a demora em retirar os vencimentos como ponto de desequilíbrio com relação ao trabalho informal.

Aspectos devem ser observados na prática da coleta seletiva: o primeiro é a da consciência ambiental. Cada vez mais as preocupações com ambientes são uma demanda da sociedade culturalmente valorizada. Por conta disso os governos apontam a prática e a preservação ambiental como elemento de política pública impondo às empresas e aos cidadãos a preservação ambiental como um aspecto coletivo. Por outro lado, as empresas têm o cumprimento legal e o marketing verde face a essa demanda. E, no caso brasileiro, a grande disparidade na distribuição de renda faz com que a coleta seletiva seja uma possibilidade de inclusão de trabalho e renda.

3 MÉTODO

O método adotado foi o de estudo de caso.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em função da necessidade em se reciclar as empresas estão cada vez mais aprimorando os processos e com isso influenciando a reciclagem, que se iniciou de forma improvisada. As empresas com fins lucrativos investem em ações que garantam receber produtos melhores selecionados e em maior quantidade para suprir as necessidades produtivas, com isso os catadores têm maior cobrança na seleção de quais materiais pegarão e venderão. Assim, mesmo desenvolvendo uma atividade informal os catadores ainda são influenciados pelo mercado produtivo, mesmo que de forma indireta.

Comecei faz uns 20 anos ou mais. No começo pegava de tudo e vendia todo dia. Hoje mais esperta seguro uma coisa para vender quando estiver com melhor preço e se está com o preço baixo nem pego, daí o carrinho fica com espaço para coisas mais caras (ROSA).

Olha, faz uns 05 anos que comecei e criei gosto pra coisa. Vendo todo sábado. Mas, hoje não pego qualquer coisa como antigamente. Tem coisa que não compensa pelo preço. Dá trabalho, tira espaço no carrinho e você não tem retorno financeiro. Isso acontece porque as empresas não querem qualquer coisa, né? [rindo] (VERBENA).

Enquanto a reciclagem era desenvolvida para atender as necessidades dos catadores pouco se falava a respeito ficando nas localidades que se desenvolvia, entretanto, o tema ganha circulação com grupos de ambientalistas ao debaterem sobre os problemas da utilização de determinados produtos, descarte incorreto de outros, o mau emprego dos bens naturais.

Quando comecei não tinha tantos lugares pra vender como tem hoje. Melhorou muita coisa. Ainda tem pessoas que não enxergam a gente [referindo aos catadores] na rua, buzinam e xingam a gente na rua por causa do carrinho. Mas, melhorou bastante, viu? Hoje como as empresas estão atrás da reciclagem a cobrança é maior (ROSA).

A caracterização do trabalho na sociedade capitalista é dada de forma mais usual pela troca da mão de obra pelo salário, porém isso só ocorre quando há o interesse nesta compra e pessoas excluídas neste processo, conseguem por meio da informalidade extrair ganhos para si e família, como ocorre entre os catadores de matérias recicláveis. Com os produtos descartados extraem o sustento ou parte dele, além de consumirem determinados produtos que encontram durante a atividade.

Acho cada coisa no lixo. Tem coisa boa. Tem comida que ainda dá para comer. Os restaurantes jogam coisas boas e gostosas que trago pra casa. No começo tinha vergonha de revirar lixo, hoje não tenho orgulho, mas sei que estou fazendo uma coisa honesta e que não prejudica ninguém. Ninguém dá oportunidade de trabalho pra uma mãe solteira, feia como eu. Essa é a verdade, não tenho muitos dentes e não tenho

dinheiro pra me arrumar e nem sei mexer num computador. Fazer curso pra quê e não ter um dentro de casa. Continuo na reciclagem (VERBENA).

Os catadores que trabalham nas ruas são responsáveis por cerca de 90% de todo resíduo que alimenta indústrias de reciclagem no Brasil (LAJOLO, 2003). A importância dos catadores de recicláveis fica mais perceptível por diminuírem as despesas da prefeitura com o recolhimento do lixo e a quantidade que chega aos aterros ou lixões (VILHENA; LUSTOSA; ZIGLIO, 2002).

A educação ambiental torna-se também um método para a minimização dos impactos ambientais oriundos do descarte incorreto de materiais pós-consumo. Joia e Silva (2008) preconizam que o êxito de programas de coleta seletiva domiciliar depende de campanhas de educação ambiental, em múltiplos ambientes (empresas, instituições públicas, instituições educacionais). A informação e sensibilização da sociedade, empresas e dos educadores que vão desenvolver a Educação Ambiental nos programas de Coleta Seletiva é o início do trabalho de implantação do programa (JOIA e SILVA, 2008).

As ações de educação ambiental e de gestão dos resíduos sólidos urbanos devem ser orientadas pelos princípios dos 3R's (reduzir, reaproveitar e reciclar) adotando o mesmo de forma integrada, procurando seguir uma determinada hierarquia de prioridade.

Atualmente, falar em resíduos sólidos domiciliares, nos reporta à coleta seletiva e à política dos 3 Rs: reduzir o consumo, reaproveitar e reciclar os resíduos. Mas a ênfase dos programas de coleta seletiva está no reaproveitar e no reciclar e não no reduzir o consumo, que é o principal problema. [...]. Há uma insustentabilidade da estrutura socioambiental das cidades, tanto das relações entre as pessoas, como das relações das pessoas com a natureza e com os seus resíduos. Para que estas relações sejam viáveis, é necessário que haja uma educação integrada no processo de gestão ambiental (ZANETI; SÁ, 2002, p. 5).

É necessário articular os programas de coleta seletiva dos municípios, ao cenário preconizado pela Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) instituída pela Lei nº 12.305/2010 que prevê uma série de exigências para todo o país, como a implantação da coleta seletiva com a participação de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda (BRASIL, 2010), mas e quanto aos que exercem a atividade de forma não cooperada?

O problema de trabalhar com reciclagem é que a gente não tem segurança nenhuma, se faltamos não ganhamos, não pode ficar doente, sol, chuva e violência no trânsito (ROSA).

Gosto do faço e preciso, mas é difícil porque a costa dói, o peso do carrinho não é fácil e não posso me dar o luxo de descansar, porque senão não ganho, né? O bom de carteira assinada é que tem cesta [básica], férias, 13º [salário] e vale transporte (VERBENA).

A opção em exercer a atividade de catador de produtos recicláveis vem da “não opção” por não se ter trabalho formal. As características destes trabalhadores são caracterizadas por Bosi (2008, p. 102) como “[...] integrado ao processo de acumulação de capital e que a suposta situação de exclusão dos catadores (desempregados, baixa escolaridade, faixa etária elevada) o qualifica para esse tipo de ocupação”.

Podemos entender parte do perfil dos catadores de Sorocaba utilizando os resultados do diagnóstico da coleta seletiva informal contida no Plano Municipal de Resíduos Sólidos (2014³) que apontou na ocasião que existia no município aproximadamente 1.250 catadores, sendo que na região norte havia a maior concentração, 61,1%. O estudo diz que apenas 148 catadores estariam ligados às cooperativas. Ainda com o estudo, cerca de 77% não chegaram a iniciar os estudos ou completar o Ensino Fundamental e apenas 8% concluíram o Ensino Médio. A faixa etária varia entre 46 e 65 anos, a maioria de pessoas oficialmente casadas, residentes em áreas urbanas, com uma média de 1 a 6 dependentes, renda individual inferior a um salário mínimo e familiar de dois a três salários mínimos. Detectou-se que 25% possuem ganhos inferiores a um salário mínimo, provenientes principalmente da coleta de materiais recicláveis. 86% dos entrevistados nunca se organizaram em cooperativa por razões variadas, desde o não conhecimento da existência a não concordância com a forma de gestão. Observou-se no estudo que 38% dos informais não consideram satisfatória a rotina de trabalho das cooperativas e acreditam que trabalhando sozinhos conseguem melhores resultados financeiros. Dos entrevistados, 51% acreditam que a remuneração dos cooperados seja insatisfatória, pois os valores dos descontos salariais são altos e a demora em retirar os vencimentos são pontos de desequilíbrio com relação ao trabalho informal.

Aqui perto não conheço nenhuma cooperativa, mas tenho colegas que trabalham em algumas e não gostaram. Aqui a gente recebe na hora, consegue se organizar com os horários e não precisa passar por revista como na cooperativa (ROSA).

Eu nem sei como funciona, mas é difícil se tiver horário de entrada e saída sendo mãe sozinha, não é? (VERBENA).

Para situar, o bairro Ana Paula Eleutério é oriundo de um processo de desfavelamento da prefeitura de Sorocaba em 1997 com cerca de 500 (quinhentas) famílias, ou seja, residir no local não foi uma escolha direta, mas uma determinação do Estado para retirar as famílias da condição de risco e distribuí-las em lotes urbanizados, o que implicaria negativamente na relação com o cotidiano, com a cidade, com os aparelhos públicos e com o trabalho, já que na época grande parte dos moradores eram oriundos de áreas com melhores acessos à região central.

O bairro Ana Paula Eleutério é chamado como “Projeto Habiteto”. Segundo a Secretaria de Cidadania, órgão responsável pela intervenção na época, “o desfavelamento, desenvolvido com o Projeto Habiteto, representa o direito de ter uma vida digna, ou seja, representava o direito à cidadania às pessoas que deles serão beneficiadas” (SECID, 1997 apud MEIRA, 2006,

³ Dados mais recentes.

p. 69). Afirmativa contestável, pois segundo a sra. Rosa quando se mudou em 1998 para o bairro não tinha condições financeiras de construir seu imóvel para residir, nem tão pouco “um cômodo e banheiro”. Criado na região mais populosa, com menor renda per capita e com maior índice de criminalidade (zona norte) e na extremidade com difícil opção de comércio, oportunidade de trabalho, transporte e aparelhos públicos. Não se pensou na continuidade da interação dos indivíduos com a cidade, gerando a extrema invisibilidade.

A sra. Rosa, como os demais moradores precisariam de um tempo para se adaptarem à nova realidade; o acesso ao trabalho informal como catadora de produtos recicláveis ficou comprometido porque encontrava maior quantidade de resíduos na região central e com a distância da nova moradia a impediu de continuar em seu trabalho.

Aqui é difícil. Muito longe dos pontos que possuí mais material. Tem que andar muito para começar a pegar. O carrinho demora para encher, diferente de onde morava antes daqui, perto do centro (ROSA).

No bairro Ana Paula Eleutério o norteador não foi garantir o acesso à moradia, mas realizar uma política de higienização da cidade, retirando a pobreza das áreas de grande circulação comercial, atendendo aos interesses do Estado. O solo que seria um bem social torna-se um bem comercial, descaracterizando seu uso e o Estado interfere no valor de troca da área urbana, com a legalidade ao seu lado gera significativas mudanças nos usos e funções dos lugares na cidade, com hierarquia. Assim, há investimentos no solo urbano diferenciado, interferindo no modo de apropriação do uso do espaço (CARLOS, 2001, p. 27).

As metas do grupo hegemônico predominaram na política habitacional indicada, já que “o dinheiro aumenta sua indispensabilidade e invade mais numerosos aspectos da vida econômica e social [...] O dinheiro é, cada vez mais, um dado essencial para o uso do território” (SANTOS, 2005, p. 99) que “é sustentado por operações da ordem da infraestrutura. É um dinheiro sustentado por um sistema ideológico. Esse dinheiro global é o equivalente geral dele próprio. E por isso ele funciona de forma autônoma e a partir de normas” (SANTOS, 2007, p. 17).

A forma como se deu o processo de formação do referido local desconsiderou a ideia de território, utilização e identidade desenvolvida por Milton Santos (2007), que seria” o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence [...] Assim é o território que ajuda a fabricar a nação, para que a nação depois o afeiçoe” (SANTOS, 2007, p. 14).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os empregadores desejam que seus futuros empregados nadem em vez de caminhar e pratiquem surfe em vez de nadar. O empregado ideal seria uma pessoa sem vínculos, compromissos ou ligações emocionais anteriores, e que evite estabelecê-los agora; uma pessoa pronta a assumir qualquer tarefa que lhe apareça e preparada para se reajustar e refocalizar de imediato suas próprias inclinações, abraçando novas prioridades e abandonando as adquiridas anteriormente; uma pessoa acostumada a um ambiente em que “acostumar-se” em si – a um emprego, habilidade ou modo de fazer as coisas – é algo malvisto e, portanto, imprudente; além de tudo, uma pessoa que deixará a empresa quando não for mais necessária, sem queixa nem processo (BAUMAN, 2008, p. 18).

Dentro da lógica hegemônica visa-se que a vida pessoal do trabalhador fique em segundo plano, sua prioridade deve garantir o bem das empresas e dos detentores dos meios de produção. Douglas e Isherwood (2013) dizem que a sobra de tempo dos pobres imaginada pelos detentores dos meios de produção está associada ao fato de não estarem plenamente inseridos no processo de produção e de consumo, já que sem poder de compra é dificultado um padrão imobiliário elevado dos imóveis, troca de roupas, entre outros, e, “porque a roda social reduzida consome menos tempo” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 261).

Morar longe do centro comercial, significa ir contra a lógica do privado e mercado, pois ele “reorganiza o mundo público como palco do consumo e dramatização dos signos de status” (GARCÍA CANCLINI, 2015, p. 288). A e na cidade apresentam-se diferentes atores comerciais, sociais e humanos, com ou sem fins lucrativos, com interesses distintos, mas nela operam conjuntamente como uma engrenagem. A de se considerar que uns se movimentam com maior agilidade comparada a outros na cidade e a materialidade contida nos resultados dos que a usam é atravessada por este contexto heterogêneo e diferente, por isso que é preciso se pensar nos cruzamentos, seja em relação ao tempo rápido das instituições formais e com fins lucrativos ou grupos hegemônicos, com o tempo lento dos que não estão na representatividade econômica, ou seja, os hegemônizados.

A divisão da cidade é clara: “A economia pobre trabalha nas áreas onde as velocidades são lentas. Quem necessita de velocidades rápidas é a economia hegemônica, são as firmas hegemônicas” (SANTOS, 2001, p. 22). Para os detentores dos meios de produção há as grandes avenidas e rodovias, com facilitação de circulação, afinal o tempo precisa ser rápido. Como o dinheiro não pode parar e perder tempo o acesso ao aeroporto é muito rápido, porque “criam-se condições materiais para que o tempo gasto na viagem seja curto. Já entre os bairros vai-se mais devagar, no sentido de que não há uma materialidade que favoreça o tempo rápido. (SANTOS, 2001, p. 22).

A gente é gente como todo mundo, mas nos tornamos as vezes invisíveis quando estamos pegando reciclagem. Tenho a sensação que não sou notada. (ROSA).

A televisão só mostra a gente pra falar que somos coitados ou bandidos, ahhh também para amedrontar as crianças para estudar se não ficarão iguais a nós. Como assim Brasil? (VERBENA).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOSI, Antônio de Pádua. **A organização capitalista do trabalho “informal”:** O caso dos catadores de recicláveis. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.23. N°. 67, junho de 2008.

BRASIL. **Lei n. 12.305 de 2010 (art. 18. Seção IV. Caput II).** Política Nacional de Resíduos Sólidos de 02 de Agosto de 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole:** a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

D’ALMEIDA, O. L. M.; VILHENA, A. **Lixo municipal:** Manual de Gerenciamento Integrado. 2.ed. São Paulo: IPT/CEMPRE, 2000. (Publicação IPT 2622).

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens:** para uma antropologia do consumo. Tradução Plínio Dentzien. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. Tradução Maurício Santana Dias. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. EFRJ, 2015.

JOIA P. R., SILVA M. do S. F. da. **Educação Ambiental:** A participação da comunidade na coleta seletiva de resíduos sólidos. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas Três Lagoas – MS – N° 7 – ano 5, maio de 2008.

LAJOLO, R. D. **Cooperativas de catadores de materiais recicláveis:** Guia para implementação. Instituto de Pesquisas Tecnológicas: São Paulo, 2003.

MANCINI, S. D. ; et al. **Composição dos Resíduos Sólidos Urbanos de Indaiatuba-SP em Termos de Volume.** In: IV Simpósio Brasileiro de Engenharia Ambiental, 2005, Ribeirão Preto-SP. Anais do IV Simpósio Brasileiro de Engenharia Ambiental. Ribeirão Preto-SP: Faculdades COC, 2005.

MEIRA, Sandro Ivo de. **Planejamento e gestão urbanos em Sorocaba-SP:** análise das políticas públicas de habitação popular. In: Revista RA’E GA – O Espaço Geográfico em Análise. Curitiba: Editora UFPR, v. 12, 2006

MOURA, B. **Logística:** conceitos e tendências. 1ª Ed. Portugal: Centro Atlantico.PT, 2006.

PHILIPPI JR, A.; ROMERO, M. A.; BRUNA, G. C. **Curso de Gestão Ambiental**. 1.ed. Barueri, SP: Manole, 2004.

RIBEIRO, T. F. LIMA, S. C. **COLETA SELETIVA DE LIXO DOMICILIAR - ESTUDO DE CASOS**. Uberlândia. 2000. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15253>>. Acesso 15 setembro de 2017.

SANTOS, Milton. et. al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SINGER, Peter. **O uso do solo urbano na economia capitalista**. In: MARICATO, E. (Org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: AlfaOmega, 1982.

Sorocaba. 2014. **Plano Municipal de Resíduos Sólidos de Sorocaba**. Disponível em <<http://www.sorocaba.sp.gov.br/anexos/SEAD%2FOutros%2FPlano-Municipal-Residuos-solidos/Plano%20Res%EDduos%20S%F3lidos%20Anexo%20-%20Parte%202.pdf>>. Acesso em 01 de julho de 2017.

SOUZA, S. F.; FONSECA, S. U. L. **Logística reversa: oportunidades para redução de custos em decorrência da evolução do fator ecológico**. In: *Anais do XIII SemeAd*. São Paulo, 2010.

VALLE, C. E. **Qualidade ambiental – ISO 14000**. São Paulo: Senac, 2006.

VILHENA, A.; LUSTOSA, D. R.; ZIGLIO, L. **Guia da Cooperativa de Catadores**. CEMPRE - Compromisso Empresarial para a Reciclagem / SEBRAE/RJ – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado do Rio de Janeiro. 2002.

ZANETI, Izabel Cristina; SÁ, Laís Mourão. **A educação ambiental como instrumento de mudança na concepção de gestão dos resíduos sólidos domiciliares e na preservação do meio ambiente**. Anais do I Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Sociedade e Meio Ambiente (Anppas), Indaiatuba (SP), 6-9 jun. 2002.